

O PAPEL DO DÓLAR NA CIRCULAÇÃO DO CAPITAL E NO SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL

Caio Bicalho Gavião de Carvalho

João Matheus Pereira de Carvalho

Lívia Evanny Martins dos Santos

Yuri Felipe Martins de Souza

RESUMO

O dólar desempenha um papel central na economia global desde o fim da Segunda Guerra Mundial, consolidando-se como a principal moeda de referência para comércio, reservas cambiais e investimentos. A criação do sistema de Bretton Woods fortaleceu sua hegemonia, influenciando a circulação do capital e a estabilidade dos mercados. No entanto, essa dependência também traz desafios, especialmente para economias emergentes, sujeitas às oscilações cambiais e às políticas monetárias dos Estados Unidos. Com base na teoria marxista da circulação do capital, este estudo analisa como o dólar participa do processo de valorização do capital. Além disso, examina iniciativas de "desdolarização" promovidas por países e blocos econômicos, como os BRICS, na busca por um sistema financeiro global mais equilibrado. Apesar das dificuldades para reduzir essa dependência, a diversificação monetária surge como uma alternativa para garantir maior autonomia econômica.

Palavras-chave

Dólar, Sistema Monetário Internacional, Capital, Hegemonia, Desdolarização.

ABSTRACT

The dollar has played a central role in the global economy since the end of World War II, becoming the main reference currency for trade, foreign reserves, and investments. The creation of the Bretton Woods system reinforced its hegemony, influencing capital circulation and market stability. However, this dependence also poses challenges, particularly for emerging economies, which are vulnerable to exchange rate fluctuations and U.S. monetary policies. Based on Marxist capital circulation theory, this study examines how the dollar participates in the capital valorization process. Additionally, it explores "de-dollarization" initiatives led by countries and economic blocs like the BRICS, aiming for a more balanced global financial system. Despite the challenges of reducing dollar dependency, monetary diversification emerges as an alternative to ensure greater economic autonomy.

Keywords

Dollar, International Monetary System, Capital, Hegemony, De-dollarization.

INTRODUÇÃO

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o dólar se tornou a principal moeda usada nas transações internacionais, sendo referência no comércio global, nas reservas cambiais e nos investimentos. Essa posição ganhou força com a criação do sistema de Bretton Woods, que colocou os Estados Unidos no centro da economia mundial. O uso do dólar facilita negociações, reduz custos com câmbio e traz estabilidade para os mercados. No entanto, essa dependência também cria desigualdades e riscos, principalmente para países que têm economias mais frágeis.

A hegemonia do dólar afeta diretamente a circulação do capital no mundo. Muitos países precisam acumular dólares para fazer importações ou pagar dívidas externas, o que os torna sensíveis a mudanças na política econômica dos Estados Unidos, como o aumento dos juros. Com base na teoria de Karl Marx sobre os ciclos do capital, é possível entender como o dólar participa do processo de valorização do capital no sistema capitalista, influenciando tanto a produção quanto o consumo.

A circulação do capital, conforme descrita por Marx, não é um processo estático, mas dinâmico, no qual o capital assume diversas formas para cumprir sua função no sistema capitalista. Para compreender essa dinâmica, é essencial analisar os três ciclos do capital: monetário, produtivo e mercadoria. Cada um desses ciclos desempenha um papel fundamental na perpetuação do sistema, garantindo a contínua valorização do capital.

Nesse contexto, o dólar desempenha um papel central, pois além de ser o principal meio de troca no comércio internacional, também influencia a estrutura produtiva global. Seu uso se faz presente desde a aquisição de matérias-primas e força de trabalho até a realização da mais-valia e o reinvestimento dos lucros. Dessa forma, a circulação do capital em escala mundial está fortemente atrelada à moeda norte-americana, tornando-a um fator determinante na reprodução do sistema capitalista.

Diante desse cenário, alguns países e blocos econômicos, como os BRICS, têm buscado alternativas para diminuir sua dependência do dólar. A chamada "desdolarização" é uma tentativa de tornar o sistema financeiro global mais equilibrado, com o uso de outras moedas nas transações internacionais. Este artigo propõe analisar os efeitos da hegemonia do dólar, os desafios enfrentados pelos países emergentes e as possibilidades de mudanças no cenário econômico global, considerando a influência da moeda norte-americana na circulação do capital e as alternativas para um modelo econômico mais diversificado.

1. A ASCENSÃO DO DÓLAR COMO MOEDA GLOBAL

1.1 Uma Breve História do Dólar até Bretton Woods

A história do dólar tem início no século XVII com a chegada dos colonos. Não demorou muito para que tivessem que lidar com o problema da falta de uma moeda, a situação ficava ainda mais complicada pelo fato de não possuírem a permissão para criar sua própria moeda, além disso, não podiam contar com as moedas da Inglaterra.

Para resolver esse empecilho, cada região definia uma mercadoria que seria utilizada como meio de troca. Em Provincetown, Massachusetts, os colonos utilizavam como meio de troca mercadorias feitas por meio do Wampum, atividade artesanal praticada pelos indígenas americanos que consistia em criar artefatos com conchas, essa prática foi ganhando popularidade até que as mercadorias criadas por meio do Wampum foram sendo oficializadas como meio de troca.

Em outras regiões, utilizava-se aquela mercadoria que era predominante em seu território como forma de moeda. No entanto, a partir do momento que essas mercadorias eram reconhecidas como meio de troca, muitas delas começaram a ser produzidas em larga escala. Na Virgínia, por exemplo, o tabaco fora escolhido como meio de troca, logo os fazendeiros começaram a plantar uma quantidade vultosa de tabaco, até que ele começou a perder valor. Em 1682, fazendeiros descontentes com a desvalorização do tabaco, atearam fogo nas plantações como forma de reduzir a quantidade de tabaco em oferta.

Não demorou muito para que os colonos percebessem que precisavam de uma moeda que não estragasse com o tempo e tivesse um processo de armazenamento mais eficiente. Contudo, as colônias inglesas não tinham a permissão da coroa britânica para abrirem uma casa da moeda. Dessa forma, os colonos trocavam suas mercadorias por moedas que vinham de outros locais, com o passar do tempo, as moedas eram obtidas principalmente das Índias ocidentais, as moedas de prata eram abundantes nessas regiões. As mais populares eram chamadas de pesos, pesavam 423.7 grãos de prata e eram medidas em reais espanhóis, os negociantes em Londres referiam-se a essas moedas como dólares espanhóis ou simplesmente dólar.

Segundo Eichengreen (2012), em 1785, seria dado o primeiro passo para o estabelecimento do dólar americano. O congresso americano apresentou a proposta de que a unidade monetária dos Estados Unidos deveria ser o dólar e seria dividida com base no sistema decimal. Benjamin Franklin concordou e, em 1786, estaria definido em quantidades de prata e ouro a uma proporção de 15.253 para um. Em setembro de 1786, eles conseguiram a permissão para o estabelecimento de uma casa da moeda, no entanto as moedas não possuíam um padrão de cunhagem a ser seguido, e os colonos americanos não tinham muita experiência com o ramo da cunhagem. Esse problema só seria resolvido em 1792 com Alexandre Hamilton, um dos três membros do primeiro gabinete do presidente George

Washington. Hamilton liderou o Coinage Act, que tinha como objetivo produzir uma moeda uniforme que pudesse unir os estados. Foi neste momento que surgiram os primeiros padrões do dólar como o dime, quarter etc.

O dólar estava sendo bem aceito pelos americanos, entretanto carecia de poder no cenário mundial no século XIX. A libra ‘era tão boa quanto o ouro’ era o pensamento que se tinha, na verdade, a confiança sobre o dólar no cenário mundial era muito baixa, as pessoas preferiam o franco francês, o marco alemão etc, todas essas moedas eram preferíveis ao dólar antes da primeira guerra mundial começar, mesmo que os Estados Unidos já tivessem se consolidado como uma das maiores economias do mundo.

Além disso, o sistema de crédito americano era muito deficitário, os bancos americanos não podiam abrir filiais em outros países, por exemplo. A situação piorava ainda mais com o fechamento do segundo banco central americano em 1836, perdia-se, portanto, uma instituição fundamental para a expansão do sistema bancário tanto dentro, quanto fora do país (Eichengreen, 2012).

A situação americana começava a tomar um novo rumo a partir de 1913. Em 1913, foi criado um novo banco central, o Federal Reserve System (FED) ou sistema de reserva federal, ele tinha o objetivo de fornecer uma moeda mais elástica, além disso, o Fed autorizou o estabelecimento de filiais de bancos nacionais que tivessem pelo menos um milhão de dólares em outros países. Esses bancos multinacionais serviriam para encorajar os importadores dos países em que estavam esses bancos a aceitarem saques em dólares, da mesma forma que estrangeiros que estivessem exportando aos Estados Unidos poderiam sacar dólares dessas filiais ao invés de terem que sacar em Londres. Paralelamente, a guerra ajudou os Estados Unidos, fez com que a quantidade de crédito disponível na Europa diminuísse drasticamente, fazendo com que os países europeus comessem a depender do dólar, os Estados Unidos, portanto, saia de devedor para principal credor no pós-guerra.

Com isso, a posição de dominância da libra esterlina começava a encontrar seu fim, a instabilidade da libra já não estava conseguindo ser suportada. Em 1916 o governo britânico conseguiu fixar a libra esterlina ao dólar, no entanto essa estabilidade duraria muito pouco, com os gastos constantes com recursos militares, somado ao fato de que os Estados Unidos tinham retirado seu suporte no fim da primeira guerra mundial, a libra perdera um terço de seu valor. Além disso, a paridade do dólar com ouro continuava, o que fez com que muitos negociadores preferissem o dólar à libra.

O cenário para a hegemonia do dólar estava muito favorável, cada vez mais o dólar participava no comércio internacional. Entretanto, o dólar teria de enfrentar um importante obstáculo, grande depressão de 30. A grande depressão afetou os mais diferentes âmbitos e foi sentida mundialmente, isso afetou drasticamente o sistema monetário internacional.

O nível da atividade produtiva dos países teve uma queda abrupta, os governos aplicaram tarifas para diminuir a demanda que ainda restava, o nível do comércio internacional diminuiu em 36 %. Diversas tentativas de solucionar essa crise foram criadas, na Inglaterra, por exemplo, Keynes propôs ao governo britânico que estabelecesse uma tarifa para que a demanda por bens aumentasse, The General Tariff of 1932.

O sistema bancário americano foi desestabilizado. Os bancos já não estavam mais conseguindo manter os dólares que os estrangeiros usavam para importações, com isso, o estímulo para manter saldos no banco de Nova York diminuiu. Uma intensa corrida bancária iniciou-se, a primeira onda aconteceu em 1930 nos bancos vinculados à firma Cadwell and Company, a qual controlava a maior rede de bancos no sul do país. A situação se espalhou por todo o território americano, corridas ao banco para retirada se tornaram constantes, assim como em outros países como Egito Argentina, França, Alemanha e muitos outros países, em suma, a crise foi sentida por todo globo.

A maneira encontrada pelo banco da Inglaterra para mitigar a depressão foi a desvalorização de sua moeda juntamente com o abandono do padrão ouro. Esse ocorrido acabou levantando dúvidas nas pessoas de que os Estados Unidos poderiam adotar a mesma estratégia. Com essa insegurança, vários bancos de outros países correram para trocar seus dólares em ouro, em 21 de setembro. Com o tempo, a crise nos Estados Unidos conseguiu ser mitigada por meio do New Deal.

1.2 Bretton Woods

Ao fim da segunda guerra mundial, ficava evidente que a economia precisava de uma reformulação no sistema monetário internacional, a libra esterlina já não podia mais liderar as nas transações comerciais. Dessa forma, foram elaboradas propostas para estabelecer um novo sistema monetário internacional.

As propostas foram elaboradas por Jonh Maynard Keynes, economista, ligado à Grã-Bretanha, e Harry Dexter White, membro do departamento do tesouro americano, aos Estados Unidos. Keynes havia proposto a criação de um fundo com cerca de 26 bilhões de dólares, também propôs a criação de uma moeda chamada Bancor, que além de servir como meio de troca, também era uma forma de tentar diminuir a hegemonia dos estados Unidos.

White se opôs a quantidade de dinheiro que o banco teria de 26 bilhões de dólares (o equivalente a 16 trilhões de dólares), White tinha receio de que esses recursos fossem usados exclusivamente para comprar todas as mercadorias estadunidenses, Walter propôs que o montante fosse de 5 bilhões de dólares e também atacou a tentativa de criar o Bancor, defendia a criação de um fundo de estabilização que seria financiado principalmente pelos estados Unidos. Os dois chegaram a

um acordo que atendia mais aos interesses americanos do que ingleses, isso demonstrava a perda de poder britânica.

As bases propostas pelos dois foram aprovadas. Estabelecia-se, então, o fundo monetário internacional, o qual teria um grande impacto na organização do sistema monetário internacional. As principais medidas eram: 1) sistema baseado em taxas de câmbio fixas – ou quase –. Cada país participante do fundo deveria manter um equilíbrio em sua moeda e mantê-la em um intervalo de 1 % para cima ou para baixo desse equilíbrio; 2) A desvalorização da moeda seria aceita pelo fundo monetário internacional em casos excepcionais, essa redução poderia ser de até 10 %; 3) países que apresentassem um vultoso déficit poderiam recorrer ao fundo monetário internacional para pedir por recursos, os quais eram oferecidos em ouro ou em moeda de países membros, com certas condições; 5) para evitar que países que constantemente eram superavitários sofressem uma escassez em sua moeda devido países deficitários que recorressem a sua moeda, o fundo poderia elaborar medidas que diminuíssem a importação de moeda nesse país, 6) as moedas deveriam ser conversíveis entre si; 7) as moedas dos países deveriam ter paridade com o ouro, contudo, apenas os Estados Unidos que podiam garantir a conversão de sua moeda, devido a vultosa quantidade de ouro que possuíam

Além disso, a liquidez mundial dependia da quantidade de dólares disponíveis. No entanto, o sistema monetário passava por uma escassez de dólares. Os países que foram impactados diretamente pelos efeitos deletérios da guerra enfrentavam dificuldades em retomar suas atividades produtivas, diferentemente dos Estados Unidos que conseguiram manter um nível de atividade produtiva bastante favorável. Os países mais impactados, portanto, dependiam de importações de capital para conseguirem recuperar-se produtivamente e de dólares para pagarem suas dívidas.

Diante disso, nasciam dois planos que tinham como principal objetivo ajudar na recuperação econômica desses países, o plano Marshall e o plano Dodge. O plano Marshall, elaborado pelo secretário de Estado americano George Marshall, destinava-se aos países europeus, ajudava a mitigar o problema da escassez de dólares nesses países. Ademais, tinha objetivos que iam além do âmbito econômico, o presidente Truman temia que os países europeus que necessitavam de ajuda econômica fossem buscar recursos nos países comunistas, dessa forma, o plano Marshall também era uma forma de garantir que esses países continuassem aliados aos Estados Unidos. Enquanto que no Japão estabelecia-se o plano Dodge. Dodge foi um banqueiro e conselheiro financeiro que trabalhou na Alemanha durante o governo militar dos generais Dwight Eisenhower e Lucius Clay. Dodge foi ao Japão aplicar o que tinha aprendido na Alemanha para ajudar na recuperação econômica japonesa. Os dois planos foram um sucesso, o que levou a muitas pessoas a atribuírem a esses dois planos o sucesso do novo sistema monetário.

Tal fluxo de capitais permitiu a ampliação extraordinária de importações europeias, beneficiando, por conseguinte, a própria economia dos Estados Unidos. Ademais, esses recursos amenizaram a escassez de dólares na economia mundial, dando alguma liquidez ao sistema monetário internacional (SAES, Alexandre; SAES, Flávio, 2017, p.475).

A desvalorização das moedas europeias foi outro passo crucial para se chegar ao equilíbrio no sistema monetário internacional. Em 18 de setembro de 1949 a Grã-Bretanha anunciava a desvalorização de sua moeda em relação ao dólar – a libra esterlina – na ordem de 30%. Outros 23 países anunciaram que também iniciariam um processo de desvalorização de sua moeda em 30%, a Alemanha anunciara uma desvalorização de 90%. No geral, a desvalorização da moeda permitiu que os países europeus aumentassem suas exportações e diminuíssem suas importações e, conseqüentemente, aumentassem suas atividades produtivas. Com isso, a escassez de dólares que perdurava a economia a um bom tempo encontrou seu fim.

O problema da escassez de dólares tinha acabado, entretanto a economia internacional passaria por um momento de abundância de dólares. Quando os países europeus conseguiram garantir a conversibilidade de suas moedas, começaram a converter seus dólares em ouro, reduzindo, assim, as reservas de ouro dos estados unidos. Isso demonstrava a fragilidade do sistema de Bretton woods e o dilema proposto pelo economista belga Robert Triffin, o dilema de Triffin.

O dilema de Triffin dizia que, se os estados unidos resolvessem restringir a oferta de dólar, o comércio e o crescimento iriam estagnar. Por outro lado, se resolvessem aumentar a quantidade ofertada de dólar, Os Estados Unidos não conseguiriam manter o compromisso de converter o dólar em ouro. Ou ele agradava os outros países e ao mesmo tempo diminuía a confiança que outros países tinham sobre ele sobre sua capacidade de conversão do dólar em ouro, ou mantinha um saldo positivo de dólar. Para Triffin, Os Estados unidos não conseguiriam manter o preço do ouro em 35 dólares. A solução de Triffin era criar uma moeda, assim como o Bancor, que deveria ser aceita por outros países durante transações internacionais. Entretanto, em 1960, sua ideia adquiriu poucos simpatizantes.

O preço da onça do ouro tinha aumentado para 40 dólares. Em outubro de 1960, a tarefa de manter o preço do ouro estável se tornava cada vez mais difícil. A fim de estabilizar o preço do ouro no mercado internacional, foi criado em 1960 um fundo comum do ouro (Gold pool) composto pela Grã-Bretanha, a Suíça e membros da comunidade econômica europeia e os Estados Unidos. Os bancos centrais juntos com os governos. Não podiam converter seus dólares em ouro, deveriam se empenhar para manter uma quantidade de ouro no mercado que permitisse que o preço do ouro não se afastasse de 35 dólares.

Se os países trabalhassem juntos, porém, eles poderiam ganhar tempo. Se países detentores de dólares concordassem em não converter dólares em ouro, o sistema poderia ser preservado

enquanto uma solução era planejada. Mas havia um incentivo para converter os dólares em ouro enquanto outros países estavam contendo dólares (EICHENGREEN, 2012, p.51, tradução nossa).

Porém, Diante da fraqueza pela qual os Estados Unidos estavam passando, entre 1965 e 1966, a França decidiu converter todo o dólar em sua posse em ouro com o objetivo de reformular o sistema monetário internacional baseado no dólar. Em 1967 a França saiu do Golden pool, em 1968 o Golden pool foi extinto devido a sua incapacidade de manter o preço do ouro.

Em 1971, Richard Nixon com a ajuda de Paul Volcker iniciou uma reforma monetária visando mitigar a inflação, nela estavam medidas que controlam os preços e os salários, a conversibilidade do dólar frente ao ouro estava suspensa. Encerrava-se o sistema de Bretton Woods. Em dezembro de 1971 na conferência Smithsonian em Washington, foi definido uma desvalorização no dólar na ordem de 8%, enquanto que moedas bem-sucedidas – como no caso do marco e yene – deveriam sofrer uma valorização. Passou-se a utilizar um sistema de taxas de cambio flutuantes, e não mais fixas. Já no início de 1973, foi estabelecida uma nova taxa de desvalorização do dólar na ordem de 10%. Não conseguiram recuperar o sistema de taxa de cambio fixo, o qual inspirou o sistema de Bretton Woods. Já em 1980, a economia internacional passava por um momento de várias moedas, ainda que o dólar mantivesse sua posição hegemônica.

2. IMPACTOS DA HEGEMONIA DO DÓLAR NA CIRCULAÇÃO DO CAPITAL

A predominância do dólar como moeda global tem sido um dos pilares da economia mundial desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Com a criação do sistema de Bretton Woods, ele se consolidou como a principal referência para transações internacionais, reservas cambiais e financiamento global. Essa posição confere tanto vantagens quanto desafios à economia global, afetando diretamente o comércio internacional, os fluxos de capital e investimento e os riscos associados ao endividamento externo. Segundo Milan (2012), mesmo diante de crises financeiras recorrentes, a resiliência do dólar reforça sua influência global, mas também impõe vulnerabilidades tanto para a economia norte-americana quanto para os países periféricos.

2.1 Facilitação do Comércio Internacional

O dólar desempenha um papel central no comércio global, sendo amplamente utilizado como moeda de troca. Essa predominância reduz custos operacionais, minimiza incertezas cambiais e promove maior estabilidade nos mercados internacionais.

O uso generalizado do dólar simplifica negociações e reduz os custos de conversão cambial. Por exemplo, quando uma empresa brasileira compra máquinas da Alemanha e paga em dólares, ambas as partes evitam a necessidade de converter reais em euros ou vice-versa. Isso diminui custos

administrativos e reduz o risco de flutuações cambiais. Além disso, commodities como petróleo, ouro e grãos são cotadas internacionalmente nessa moeda, padronizando preços e facilitando negociações em escala global.

Esta e outras inovações contribuíram para aumentar a vulnerabilidade e a fragilidade financeira global, com repercussões para o papel do dólar enquanto referência mundial de valor e liquidez, na medida em que o dólar representa um ponto de fuga durante períodos de instabilidade.

(MILAN, Marcelo. *A crise financeira e a hegemonia do dólar*. Austral, v1, nº 1, Jan/Jun, p. 134)

A citação acima, apresenta, justamente, a estabilidade do dólar em relação às economias e o sistema financeiro de outros países, que o torna uma escolha prioritária para contratos internacionais. Durante crises econômicas, investidores buscam ativos mais seguros, e a moeda americana se valoriza, reforçando sua posição de referência global. No entanto, essa dependência excessiva pode gerar desafios. Países com moedas frágeis enfrentam dificuldades para obter dólares, prejudicando importações e acesso a bens essenciais. Além disso, decisões do Federal Reserve (Fed), como aumentos nas taxas de juros, podem encarecer o crédito em dólar, afetando diretamente os custos das importações e ampliando desequilíbrios comerciais.

2.2 Fluxos de Capital e Investimento

A influência do dólar vai além do comércio e afeta diretamente os fluxos de capital e os padrões de investimento globais. Muitos países mantêm grandes reservas dessa moeda para garantir estabilidade financeira e atrair investidores, consolidando ainda mais o papel do dólar na economia mundial.

Os bancos centrais de diversas nações acumulam reservas expressivas em dólares como uma forma de proteção contra crises financeiras e para assegurar liquidez em momentos de instabilidade. Ter uma quantidade significativa de dólares em reserva ajuda a manter a confiança de investidores estrangeiros e facilita o acesso a financiamento internacional, uma vez que credores tendem a preferir moedas consideradas seguras e amplamente aceitas.

As decisões do Fed sobre taxas de juros têm um impacto profundo na circulação do capital global. Quando os juros sobem, o dólar se valoriza, tornando os investimentos em ativos americanos mais atraentes. Isso, por sua vez, provoca uma fuga de capital dos mercados emergentes, onde investidores retiram seus recursos para buscar retornos mais seguros nos Estados Unidos. Essa saída de capital pode gerar desvalorização das moedas locais, aumento do custo do crédito e desaceleração econômica nos países afetados. Por outro lado, quando o Fed reduz as taxas de juros, o fluxo de

capital se investe, estimulando investimentos em mercados emergentes e favorecendo seu crescimento econômico.

Essa dependência dos mercados emergentes em relação às políticas monetárias dos Estados Unidos cria vulnerabilidades significativas. Quando o capital estrangeiro sai repentinamente de um país, sua moeda pode se desvalorizar rapidamente, tornando a dívida externa mais cara e dificultando o acesso a novos financiamentos. Episódios como a crise asiática de 1997 e a crise da dívida latino-americana dos anos 1980 ilustram os efeitos negativos que essa dinâmica pode causar, com consequências severas para a estabilidade econômica das nações afetadas. O crescente endividamento norte-americano e sua dependência de capitais estrangeiros, como os investimentos chineses em títulos da dívida dos EUA, adicionam uma camada de instabilidade ao sistema financeiro global.

2.3 Endividamento Externo e Riscos

A hegemonia do dólar também está intimamente ligada ao endividamento externo, principalmente em países emergentes que frequentemente recorrem a empréstimos denominados nessa moeda devido à sua estabilidade e às taxas de juros relativamente baixas. O principal problema surge quando ocorre uma desvalorização da moeda local em relação ao dólar. Se um governo, empresa ou instituição financeira assume dívidas em dólares e sua moeda se enfraquece, o custo de pagamento dessas obrigações aumenta drasticamente, levando a crises de liquidez e até mesmo à insolvência. Esse fenômeno, conhecido como "risco cambial", já resultou em sérias dificuldades econômicas para diversos países ao longo da história.

Períodos de crise são acompanhados de fluxos de capitais para o dólar e outros investimentos denominados na moeda norte-americana. A crescente procura por liquidez internacional em dólares, por sua vez, exige saídas de dólares dos EUA, na forma de déficits nas transações correntes com o resto do mundo. E a vantagem de emitir a moeda de reserva internacional permite aos EUA manter estes desequilíbrios crônicos no balanço de pagamentos.

(MILAN, Marcelo. *A crise financeira e a hegemonia do dólar*. Austral, v1, n°1, Jan/Jun 2012, p. 135)

O domínio do dólar na economia mundial reflete um sistema desigual que favorece os Estados Unidos em detrimento de outras nações. Em tempos de crise, a busca por segurança leva investidores a reforçarem a valorização da moeda americana, ampliando ainda mais seu poder. No entanto, essa dependência global do dólar gera fragilidade para economias emergentes, que ficam sujeitas às oscilações e decisões unilaterais dos EUA.

Além disso, o custo da dívida externa de diversos países é diretamente impactado pelas decisões do Federal Reserve (Fed). Quando os juros nos Estados Unidos sobem, as nações

endividadas em dólar enfrentam maiores dificuldades para refinar suas obrigações, muitas vezes sendo forçadas a implementar cortes de gastos públicos e reformas econômicas severas. A crise argentina de 2001 é um exemplo claro de como essa dependência pode aprofundar crises financeiras, dificultando a recuperação econômica.

Diante desse cenário, algumas nações têm buscado alternativas para reduzir sua vulnerabilidade. A diversificação das reservas cambiais, o fortalecimento de moedas regionais e a ampliação de acordos comerciais em outras moedas são estratégias cada vez mais exploradas. O crescente uso do yuan chinês e a criação de blocos econômicos que incentivam transações sem a intermediação do dólar representam esforços concretos para diminuir sua centralidade no sistema financeiro global. No entanto, a transição para um sistema menos dependente do dólar é lenta e complexa, pois a moeda americana continua sendo a mais aceita para comércio e investimentos internacionais.

Embora a hegemonia do dólar ofereça benefícios, como previsibilidade no comércio e acesso facilitado ao financiamento internacional, ela também impõe desafios significativos. A vulnerabilidade das economias emergentes às oscilações cambiais, ao aumento do endividamento externo e às decisões unilaterais dos EUA reforça a necessidade de um sistema econômico mais equilibrado e resiliente. Reduzir a dependência de uma única moeda é um passo essencial para garantir maior estabilidade financeira global e autonomia para os países em desenvolvimento. Caso essas mudanças não ocorram, a tendência é que ciclos de crise financeira continuem se repetindo, penalizando especialmente as nações mais vulneráveis.

3. A CIRCULAÇÃO DO CAPITAL SEGUNDO KARL MARX E O PAPEL DO DÓLAR

A circulação do capital é um dos principais fatores para o funcionamento do capitalismo. Sendo que, este capital segundo Marx não é estático, pelo contrário, ele passa por um processo dinâmico de valorização, no qual ele pode assumir diversas formas de si mesmo para cumprir a função que lhe corresponde (MARX, 2014). Com o desenvolvimento do capitalismo, a circulação do capital ficou cada vez mais atrelada ao dólar por ele ser a moeda mais utilizada no comércio internacional, principalmente no comércio de commodities.

Para entender este processo de circulação, é necessário fazer a análise dos três ciclos do capital que são: Capital monetário, Capital produtivo e Capital mercadoria. Esta análise será realizada através do esquema a seguir: $D - M \dots P \dots M' - D'$. $D - M \dots P \dots M' - D'$. $D - M \dots P \dots$ etc. Com isso, em cada um dos ciclos será utilizado o trecho que mais interessar.

É importante ressaltar que a reprodução do capital em cada forma que ele assume e em cada um de seus estágios percorrem sucessivamente o processo de circulação e estando ao mesmo tempo em diferentes estágios dele mesmo.

3.1 Ciclo do Capital Monetário

A equação desse ciclo é: $D - M \dots P \dots M' - D'$. Onde é possível identificar três etapas.

Sendo a 1º etapa: $D - M$, na qual ocorre o processo de transformação do dinheiro (D) em mercadoria (M), através da compra da força de trabalho (T) e dos meios de produção (Mp), ou seja, é neste momento em que há a transformação do capital monetário em capital produtivo, assim, iniciando o processo de produção da mercadoria e da sua realização enquanto capital. Ademais, é válido ressaltar que, para que esse processo ocorra é necessária uma combinação dosada de T e Mp, além de que, estes dois devem estar separados, além de uma classe trabalhadora que seja assalariada e um grau de desenvolvimento do comércio (MARX, 2014).

A 2º etapa: P, demonstra a transformação do capital monetário em produto, através da transformação da natureza e da utilidade desse produto a partir do resultado da soma entre Mp e T. Dessa forma, ele será vendido na terceira etapa. Além disso, nesse processo, o capital produtivo (P) representa a união de Mp e T, o que resulta no próprio capital produtivo consumir seus próprios componentes para transformá-los em produtos de valor maior. Ademais, essa etapa se trata de uma etapa produtiva e não circulatória como as outras duas (MARX, 2014).

A 3º etapa: $M' - D'$, retrata a transformação da mercadoria (M) em dinheiro (D) e o retorno deste à primeira etapa, completando assim o ciclo. M' e D' são utilizados para diferenciar o dinheiro e a mercadoria dessa para a 1º etapa, pois, a natureza desses dois foram alteradas pelo processo da etapa anterior, fazendo com que valor tenha sido acrescentado a ambos (MARX, 2014).

Em suma, com a junção dessas três etapas surge o capital mercadoria, que tem como função se transformar em dinheiro ao ser vendido e percorrer a fase de circulação para não deixar o sistema capitalista parar e continuar com a sua fluidez. Nesse ciclo, o dólar é a principal moeda utilizada pelos capitalistas no início do processo para a compra de matérias-primas, máquinas e força de trabalho, além de também servir para financiar a compra ou a construção de fábricas.

3.2 Ciclo do Capital Produtivo

A fórmula para a análise do capital produtivo é: $P \dots M' - D'$. $D - M \dots P$, o que no ciclo anterior estabelecia como um período de interrupção (P), neste ciclo se torna circulação. O mesmo acontece com o que antes era considerado como circular no outro ciclo ($D - M$; $D' - M'$) neste se torna interrupção. É possível analisar que neste ciclo há a transformação do capital mercadoria em capital produtivo e a criação do mais valor (d) (MARX, 2014).

Neste ciclo há duas alternativas: o capitalista pode escolher o que ele pode fazer através do d. Uma das alternativas é o capitalista utiliza o d para o consumo de ordem pessoal e esse d é inserido no ciclo global do capital, pois ele vai consumir mercadorias produzidas por outros capitalistas, assim, transformando uma mais valia em dinheiro para o consumo de outras mercadorias. Na segunda alternativa d segue um curso diferente, onde ele retorna como um investimento para o ciclo produtivo, exigindo-se dele um valor mínimo para que seja possível ampliar o negócio original (MARX, 2014).

Também há neste ciclo a formação do tesouro, que é uma acumulação da mais valia e ocorre nos períodos de interrupção do ciclo de capital produtivo, ele tem como função nesse ciclo ser um fundo de reserva para que o capitalista possa lidar com problemas ou imprevistos durante o ciclo, desse modo, é possível concluir que a formação do tesouro sinaliza a capitalização de d (MARX, 2014).

De todo modo, o ciclo produtivo mostra que ao ciclo ser completo há um acréscimo no valor de P, fazendo com que ele tenha um valor P' que é maior do que o P que começou o ciclo, demonstrando a reprodução do capital produtivo. Neste ciclo, onde há a produção de mais-valor, o dólar auxilia na obtenção do máximo de mais-valia possível. Por exemplo, o capitalista pode financiar, com essa moeda, a mudança de suas fábricas para locais com um custo de mão de obra menor, o que, conseqüentemente, aumenta o mais-valor das mercadorias produzidas e, por extensão, o lucro, que é o principal objetivo do ciclo de produção capitalista.

3.3 Ciclo do Capital mercadoria

A fórmula para a análise deste ciclo é: $M' - D' - M \dots P \dots M'$. Ele apresenta uma diferença fundamental em relação aos outros dois ciclos: enquanto os dois primeiros só são acrescidos em valor no final do ciclo, esse inicia e termina o ciclo ($M' - M'$) com um valor valorizado, mesmo que esse movimento seja repetido em larga escala constantemente (MARX, 2014).

No que se refere à realização do capital mercadoria, esta ocorre quando há a transformação dele em mercadoria física, independentemente que ela seja consumida como elementos de produção - sendo utilizada no processo de funcionamento do capital produtivo - ou como o próprio produto capitalizado que foi originado a partir desse consumo. Ademais, neste ciclo outros ciclos individuais convergem como capital mercadoria, são esses: compra e manutenção de M_p ; o produto; FT na forma de mercadoria e o consumo de bens para a sobrevivência da classe trabalhadora.

No ciclo do capital financeiro, o dólar é fundamental para a realização do capital, pois, para que a mercadoria valorizada (M') seja vendida em troca de D' e posteriormente utilizada na aquisição de novos elementos de produção para reiniciar o processo produtivo, é necessário um meio de troca confiável. Como a maioria dos produtos vendidos no comércio global são precificados em dólar e os

produtores preferem vender nessa moeda devido à sua estabilidade, o dólar se torna uma parte fundamental desse ciclo.

4. DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A DESDOLARIZAÇÃO

Desde 1971, o dólar, moeda americana, é tida como padrão, a hegemônica, no que diz respeito a transações e negociações entre países. Nesse aspecto, o poder econômico e militar dos Estados Unidos ajudou na manutenção do padrão dólar ao longo do tempo. No entanto, é possível visualizar cenários em que a moeda dos EUA perderia o posto de hegemônica, ou seja, é possível enxergar a chamada desdolarização. Tal visualização parte da influência de investidores internacionais, da China e do grupo de países BRICS. Com isso, o interesse desses atores econômicos pode vir a interferir na permanência do padrão dólar.

“Desdolarizar” significa troca, alterar, tirar o dólar do lugar de moeda padrão das negociações, das transações financeiras entre as nações, por uma moeda alternativa. Porém, para que essa substituição aconteça é preciso encontrar cenários, perspectivas para que tal alteração aconteça, tais contextos envolvem os Estados Unidos, a China e o intuito dos BRICS.

Nessa conjuntura, existem alguns cenários que colaborariam para a desdolarização. Por exemplo, o interesse da china em internacionalizar a Renmibi, sua moeda oficial, e promover seu uso no comércio internacional representa uma alternativa ao dólar. Além disso, o desmoronamento da confiança dos investidores internacionais, no que diz respeito ao uso do dólar ser viável a longo prazo, é uma circunstância que iria acelerar a derrocada da moeda, até então hegemônica, o que aumentaria os esforços na busca por uma moeda alternativa.

Ademais, também é válido apresentar, no que diz respeito a contribuição para a desdolarização, a ajuda que a China poderia fornecer nesse processo de mudança de moeda padrão de negociação. Tal ajuda fica clara na seguinte citação:

A china poderia também iniciar o reequilíbrio de sua economia e reduzir a sua própria dependência do setor de exportação de forma gradual e ordenada, reduzindo o seu superávit comercial e, portanto, a dependência da dívida pública dos Estados Unidos. Estes, contribuiriam esforços concretos de redução do padrão dólar. Se tais esforços fossem sustentados e bem sucedidos, então, o longo declínio do padrão dólar seria inevitável. (HUNG, 2013, p.46)

Contudo, também se faz necessário pontuar as ações apresentadas e os desafios enfrentados, no que se refere a depender menos do dólar, pelos países membros dos BRICS. Este é um termo colocado pelo economista Jim O’Neil para se referir às nações que surgem no mundo com um grande potencial de crescimento econômico. Tais países membros são: Brasil, Rússia, Índia, China e África

do Sul, mas recentemente, entraram no grupo Egito, Etiópia, Irã e Emirados Árabes. Todos esses participantes do BRICS têm o intuito de apresentarem uma influência maior, internacionalmente, no âmbito econômico. Entre essas influências, pode-se destacar a pauta da desdolarização que tem tomado a atenção desse grupo nos tempos recentes.

Nesse sentido, os BRICS também fazem parte da perspectiva existente em que é possível ver cenários nos quais outras moedas fazem frente à moeda americana podendo substituí-la em determinadas negociações, isso porque existem integrantes interessados em diminuir a sua dependência em relação ao dólar nas transações e driblarem sanções econômicas.

Recentemente, o Brasil mostrou que tem como prioridade, diminuir a sua dependência da moeda dos Estados Unidos. Porém, essa ideia bate de frente com uma camada desafiadora: o desagrado do presidente americano Donald Trump. Diante da visualização desse desejo de um membro do BRICS, o presidente dos Estados Unidos ameaçou as nações que viessem a deixar de usar o dólar. Diante desse contexto, a vantagem de estabelecer uma moeda alternativa ao dólar, para os países integrantes do BRICS, fica clara na seguinte citação:

No caso do comércio em outras moedas entre os integrantes do Brics, alguns deles, como a China, já fazem acordos bilaterais entre seus bancos centrais, para liquidar transações comerciais e financeiras. Para países que estão sob sanções econômicas, como Rússia e Irã, a medida seria uma forma de driblar entraves e fazer negócios.
(SOUSA, SILVA, SILVA, CARMO, OLIVEIRA. P.45)

Além das ações dos BRICS, já citadas aqui neste tópico, a China, que faz parte do grupo, ajuda também no processo de queda da hegemonia do dólar, a partir da busca da expansão da sua moeda, como fica bem exposto na citação a seguir:

Nesse contexto, o governo chinês vem procurando facilitar a difusão de sua moeda a partir de uma série de iniciativas, como, por exemplo: o programa de liquidação de operações comerciais transfronteiriço de 2009 (Cross-Border Trade Settlement), que envolve sobretudo países da Associação de Países do Sudeste Asiático (ASEAN); a criação do sistema de pagamentos internacional chinês de 2015 (the China International Payment System – CIPS), onde já há a participação de importantes bancos internacionais, ocidentais inclusive (por exemplo, Citi Bank, HSBC e Deutsche Bank); e os acordos bilaterais de swaps cambiais, sobretudo desde 2009, com dezenas de outros países.(METRI. p.13)

Fica claro, portanto, que as perspectivas para a desdolarização são reais, e até o momento passam pelas ações da China isolada ou em conjunto com os BRICS, além do comportamento de investidores internacionais, com isso, já se passa a especular uma possibilidade de saída do padrão

dólar. Mas, não significa que os cenários apontados desencadearão na desdolarização, tendo em vista que existem desafios no meio desses processos.

CONCLUSÃO

A forte presença do dólar na economia mundial demonstra seu papel fundamental na estabilidade do comércio e dos investimentos. No entanto, essa mesma dependência também impõe desafios, principalmente para países com economias mais frágeis. A circulação do capital, conforme analisada por Karl Marx, ajuda a compreender como o dólar se consolidou como a principal moeda do sistema capitalista global, influenciando a valorização do capital e a dinâmica da produção e do consumo.

Nos ciclos do capital – monetário, produtivo e mercadoria –, o dólar atua como o principal meio de troca e reserva de valor, facilitando a reprodução do capital em larga escala. Contudo, essa hegemonia também cria desigualdades, pois coloca nações emergentes em uma posição de vulnerabilidade diante das decisões econômicas dos Estados Unidos, como a elevação das taxas de juros ou a adoção de políticas protecionistas. Dessa forma, a centralidade do dólar não apenas reforça a dominação econômica, mas também limita a autonomia financeira de diversos países.

Diante desse cenário, algumas economias, como a China e os membros dos BRICS, têm buscado alternativas para reduzir a dependência da moeda norte-americana. Estratégias como o uso de moedas locais em transações bilaterais, a criação de mecanismos financeiros alternativos e o fortalecimento do comércio regional são algumas das iniciativas que vêm sendo adotadas. No entanto, essas mudanças enfrentam barreiras estruturais e institucionais que dificultam a consolidação de um sistema financeiro multipolar.

Além dos desafios econômicos, há também obstáculos políticos e diplomáticos. O dólar continua sendo amplamente utilizado nos principais acordos internacionais, e alterar esse cenário exige negociações complexas e uma cooperação internacional robusta. Além disso, para que outras moedas ganhem espaço, é necessário construir um ambiente de confiança e aceitação global, o que demanda políticas econômicas consistentes e estabilidade macroeconômica nos países que pretendem oferecer alternativas viáveis.

Outro fator relevante é que os Estados Unidos possuem um grande interesse na manutenção da supremacia do dólar, uma vez que essa posição confere vantagens estratégicas ao país. Qualquer tentativa de desdolarização pode encontrar resistência por parte do governo norte-americano, que pode adotar medidas para dificultar a transição para um sistema financeiro mais diversificado. Dessa forma, qualquer mudança significativa dependerá não apenas da iniciativa dos países emergentes, mas também da forma como as grandes potências reagirão a essa movimentação.

Mesmo com as dificuldades, as discussões sobre alternativas ao dólar demonstram um desejo crescente de reconfigurar a ordem econômica global. Ainda que a transição para um sistema financeiro menos dependente da moeda norte-americana seja gradual, a ampliação do uso de outras moedas nas transações internacionais pode representar um primeiro passo nesse processo.

A construção de um modelo mais equilibrado pode trazer benefícios para diversas nações, permitindo maior autonomia na formulação de políticas econômicas e reduzindo a vulnerabilidade a choques externos. Assim, mesmo que o dólar continue sendo a principal moeda global no curto e médio prazo, a busca por alternativas pode contribuir para um sistema financeiro mais justo e representativo no futuro.

REFERÊNCIAS

- EICHENGREEN, Barry J. **Exorbitant privilege: the rise and fall of the dollar and the future of the international monetary system**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- HUNG, Ho-Fung. **A Guerra fria, a China e a ascensão e queda da hegemonia do dólar americano**. Marília: Oficina universitária, 2013, p.15-p.46.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro II: o processo de circulação do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- METRI, Mauricio. **Geopolítica e diplomacia monetária: o sistema dólar de tributação global e as iniciativas de desdolarização da economia internacional**. *Economia e Sociedade*, v29, n.3, dezembro de 2020, p.12-p.16.
- MILAN, Marcelo. **A crise financeira e a hegemonia do dólar**. *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, v1, n°1, Jan/Jun. 2012, p. 133-147.
- REIS, Thiago. **Crise Argentina: entenda a crise econômica do país vizinho**. Suno, 2024. Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/crise-argentina/>. Acesso em: 13 mar. 2025.
- SAES, Flávio Azevedo Marques de; SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. [s.l.] Saraiva Educação S.A., 2017.
- SOUSA, Fernando; SILVA, Joyce; SILVA, Kayke; CARMO, Lucas; OLIVEIRA, Sofia. **Os impactos do BRICS na Economia Mundial**. Dezembro de 2024, p.32-p.45.
- UNGARETTI, Carlos. **Brics e a ordem global**. *Isape Debate*, n.28, setembro de 2023, p.47-p54.